

A FLAUTA DOCE NO CURSO DE LICENCIATURA EM MÚSICA DA UEPG

Profa. Doutoranda Regina Stori¹
Universidade Estadual de Ponta Grossa
regina.mus@gmail.com

Primeiramente gostaria de agradecer o convite para compartilhar minha experiência, feito pela organização do Simpósio. Esse convite possibilitou-me revisitar o trabalho que venho desenvolvendo há aproximadamente 11 anos com a flauta doce na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

É importante ressaltar que o que falo aqui, embora não apresente referências bibliográficas, está fundamentado em uma visão de sociedade, de homem, de função social da Arte, (e em consequência, da música) e de educação musical, na qual entendo que nossa sociedade, no modo como está organizada, aliena o homem e possibilita a apenas algumas pessoas conhecer e desfrutar da Arte e da música.

Portanto, é nosso papel, como professores de música, defender o seu acesso a todas as pessoas. Assim, entendo que o espaço escolar se torna o espaço mais democrático para fazê-lo. Por essa razão, capacitar os licenciandos para a utilização da flauta doce, que é um instrumento mais acessível, se torna uma pequena parte de um projeto de transformação da sociedade.

Então, com vistas a expor como se desenvolve o ensino de flauta doce na UEPG, dividi minha fala em quatro itens, os quais passo a expor. A partir daqui, utilizarei a sigla FD para designar a flauta doce durante o texto.

1) Contextualização

Na UEPG a flauta doce é inserida como instrumento obrigatório no 3º ano do curso de Licenciatura em Música, na disciplina de Práticas Instrumentais em Grupo III, divididas entre FD, Coral e Prática Instrumental Diversificada, cada uma com 2 horas-aula semanais. Por essa razão, todos os alunos do curso têm que passar obrigatoriamente pelo aprendizado de flauta doce.

A partir da ementa de FD, é possível afirmar que o objetivo de seu ensino no currículo é instrumentalizar os acadêmicos para a utilização da FD em sua prática docente, seja no apoio das atividades de ensino de música, seja na iniciação ao instrumento, além do desenvolvimento de competências teórico-musicais (leitura à primeira vista, solfejo, percepção, etc).

¹ Doutoranda em Educação na UEPG. Professora no Departamento de Artes da UEPG.

A FD até hoje não foi o primeiro instrumento de nenhum acadêmico. Assim, desde 2015 as turmas, ainda que pequenas, são divididas. Então temos grupos de no máximo 10 alunos por turma, sendo possível dar atenção um pouco mais individualizada, tendo em vista que a FD está só em um ano no currículo.

Questionando os acadêmicos a cada ano de trabalho, observo certo desconhecimento ou inexperiência em relação à FD. Há relatos de contato a partir do Conservatório Maestro Paulino, mantido pela Prefeitura de Ponta Grossa, seja nas aulas de musicalização na infância, seja acompanhando as atividades das crianças que lá se apresentam, ou ainda nas experiências nos grupos sociais que frequentam, como igrejas.

2) Aspectos metodológicos

Abordo a disciplina de FD a partir de três eixos: execução, apreciação, e estudos sobre flauta doce. Eventualmente os três eixos são abordados na mesma aula, mas nem sempre isso acontece.

No eixo execução desenvolvo exercícios que envolvem composições com duas, três ou mais notas, a partir de parlendas, folclore ou cultura popular, exercícios com pentacordes, escalas, ecos, execução e composição de arranjos de uma ou mais vozes, percussão com FD ou outros instrumentos, improvisação, entre outras práticas.

Quando oportuno, acrescento outras flautas (contralto, tenor e baixo) - por imitação, memória e, quando possível, a partir da leitura. Frequentemente filmo algumas execuções em aula, e depois compartilho com os alunos em grupos fechados. Mais recentemente, temos filmado as execuções e apreciado em seguida, durante a aula, avaliando os aspectos técnico-musicais da prática.

O eixo apreciação é desenvolvido principalmente no fim das aulas. Nele estão presentes diferentes propostas estéticas no uso da FD (Wildez Holz, Franz Brüggen, Gentle Giant, Anima, Terra Sonora, música brasileira – Ana Fumaneri, trilha sonora, Bach, Telemann, Adami, Jethro Tull, Michala Petri, Paul Leenhouts, Quinta Essentia, Ricardo Kanji, César Villavicencio, Amsterdam Loeki Stardust Quartet, Quadro Cervantes, Luciane Cuervo, entre outros).

Os estudos sobre FD ocorrem (formalmente) predominantemente nas atividades de avaliação quantitativa a partir de experiência com textos sobre a FD e experiências com livros de FD: Monkemeyer; Videla e Akoschki; Helle Tirlir; Weiland, Sasse e Weichselbaum; Walmir Teixeira, Elvira Drummond, Viviane Beineke, Giesbert. Entendo que são materiais que os acadêmicos precisam conhecer.

Quanto à avaliação de FD, algumas decisões são coletivas, como peso dos instrumentos, datas e repertório. Mas sempre cobro leitura à primeira vista, repertório solo, e em grupo. Todas as avaliações práticas são filmadas e ficam arquivadas para acesso em caso de dúvidas pelos alunos. O trabalho

desenvolvido na disciplina é constantemente avaliado pelos alunos, por escrito. Eles também realizam autoavaliações de seu processo de aprendizado e envolvimento com as atividades propostas, sempre por escrito.

3) Desafios

Em minha prática encontro algumas dificuldades no trabalho com os alunos: sopro forte, digitação, articulação, postura, afinação, e faltas às aulas. Algo que tem mudado paulatinamente é quanto à resistência dos estudantes em comprar uma flauta de resina de uma qualidade melhor. Alguns acadêmicos têm investido um pouco mais na compra de suas flautas, o que possibilita uma sonoridade melhor no grupo.

Outra dificuldade é quanto à menção de alguns alunos que prefeririam que a disciplina não fosse obrigatória. Essa fala expressa uma eventual resistência a esse componente curricular, com a qual busco superar e oportunizar experiências diferenciadas, como aula-oficina, com o objetivo de aumentar o repertório de exercícios de música que possam ser utilizados nos estágios e na prática docente dos licenciandos.

4) Desdobramentos

Espera-se que os conhecimentos obtidos na disciplina de FD não se limite ao espaço da sala de aula. Assim, na UEPG tenho observado a FD presente na temática de TCC's, em convite para concertos, apresentações musicais, e estágios. A partir do contato com egressos, também é possível afirmar a utilização da FD em suas práticas docentes.

Há ainda demanda para um grupo de FD da UEPG aberto à comunidade interna e externa. Também, no novo currículo do curso de Licenciatura em Música da UEPG pretende-se oferecer uma disciplina de FD complementar, como optativa. Mas esses são dois projetos esperados para um futuro próximo.

Observo que a FD no contexto da UEPG ainda tem espaço e demanda para crescer, e é algo que está nos planos dos professores do curso. Quanto às questões metodológicas, há sempre espaço para diversificação e avanço. Há desafios a serem vencidos, entretanto, espero que minha experiência tenha contribuído com a formação de vocês.